

Educação artística: há boas práticas para conhecer

Art education: there are good practices to be known

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Par académico interno / diretor da Revista Matéria-Prima.

AFILIAÇÃO: Portugal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Com a publicação do terceiro número a Revista Matéria-Prima assume-se como mais uma plataforma de disseminação e de registo na área da educação e ensino artísticos. Ao propor-se o desafio da Matéria-Prima está a lançar-se um repto de intervenção e partilha a três tipos de intervenientes na educação pela arte:

- Os professores, profissionais experimentados;
- Os que se iniciam na profissão, através da frequência de mestrados e estágios formativos;
- Os investigadores e professores universitários desta área.

Esta chamada coloca em cima da mesa a partilha das experiências didáticas em sala de aula, a pesquisa sobre práticas profissionais. Experiências, algumas bem-sucedidas, outras menos, porventura, todas com um mérito substancial, que é a vontade de estabelecer comunidade entre os interessados pela educação artística.

Assim se coligiram os 22 artigos que foram reunidos neste terceiro número. Talvez se possam arriscar alguns traços de leitura que atravessam os diferentes temas, e através dos quais se organizou o presente número. Assim, a matéria

desta revista organiza-se segundo uma estrutura temática que se pode expor do seguinte modo:

- Dossier Editorial;
- Artigos que debatem a formação de professores, na perspetiva dos responsáveis;
- Artigos que apresentam propostas de exploração de recursos e unidades didáticas;
- Artigos que partilham experiências da formação de professores, pelos próprios;
- Artigos sobre educação artística não formal;
- Artigos que exploram as tecnologias na sala de aula.

Abre-se o Dossier Editorial com o artigo original de Isabela Frade, “Arte educação inclusiva e formação docente: o corpo ferido e a imagem especular” onde se debate o problema da inclusão no ensino artístico na prática formativa desenvolvida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Discute-se a identidade e a diferença e promove-se a arte como campo privilegiado de tolerância e de combate aos estereótipos.

Também neste dossier se insere o texto e interpelação, de Margarida Calado, sobre o rumo que leva a educação artística em Portugal: o artigo “Que objetivos? Que competências? O ensino da História da Arte Portuguesa no âmbito dos Mestrados em Ensino das Artes Visuais” interroga como ensinar e educar para a cultura e para o património?

Já a secção de artigos originais a concurso, e dentro do tema da formação de professores, inicia-se com Sílvia García González, Universidade de Vigo, Espanha, e o texto “La metodología de la investigación-acción en los trabajos por proyectos del profesorado de secundaria en artes plásticas.” A metodologia “action-research” de Kurt Lewin (1946), é tomada como contexto de atuação e intervenção, como método seguido na disciplina de formação de professores ministrada pela autora e por Begoña Paz e Luís Costa. O artigo “Algumas notas sobre o diário de aula e a narrativa docente: perspectivas para a formação em artes visuais,” de Angélica Taschetto (Brasil) aborda o uso do “diário docente” como uma ferramenta de aperfeiçoamento e desenvolvimento na formação inicial de professores feita na Universidade Federal de Santa Catarina. Elisa Mendonça & Sandra Henriques (Portugal) trazem uma experiência de terreno, partindo do programa de Desenho A do 11º ano, para uma atualização de recursos explorando novas formas de veicular o auto-retrato, com resultados muito

expressivos demonstrados no artigo "A minha arte é ser eu: O reflexo da cultura do aluno na autorrepresentação e a sobreposição desta à cultura de escola." O artigo "Álbum Ilustrado" de Sofia Matalonga Jorge (Lisboa) inaugura as experiências de profissionais em formação pedagógica aqui apresentadas. Toma-se o livro infantil (texto e ilustração) como desafio despoletador da ação pedagógica e da descoberta (Bruner, 1999) em turmas de 5º e 6º ano, num trabalho que contou com o apoio de uma editora real, com padrões reais. Também se desenvolve um filme de animação em *stop motion* a partir da mesma história. Armando Bento (Portugal), no artigo "Uma Página em Branco," explora um uso mais intencional da fotografia, fazendo-a surgir como uma ferramenta da ação pensada, junto de alunos do 9º ano. O artigo "Modos de Representação: explorando o retrato fotográfico com alunos do 11º ano, do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais," de Ana Filipa Machado (Portugal), aborda também o tema da auto-representação em fotografia, com resultados muito expressivos. Salomé Ferreira Afonso (Portugal), no artigo "Diário Gráfico ou a nossa Memória Externa" explora junto de alunos do 6º ano a construção do diário, desde o objeto até à experimentação de técnicas e materiais, tentando fomentar uma "caça ao tesouro." O artigo "O artista como ponto de partida: de mãos na ilustração" de Andreia Dias toma a bienal "ilustrarte" como ponto de partida para explorar o tema com alunos de 5º e 6º ano. Gina Zanini & Janaina Schvambach (Brasil), em "Contos de Fadas como Contos do Cotidiano: a arte mediadora de uma ação educativa," fomenta os recursos artísticos na exploração do ensino básico, em Chapecó, Santa Catarina. A metodologia triangular (Barbosa, 1987) é explorada no confronto entre obras de fotografias contemporâneas e o contraponto gerado no ambiente escolar: os protagonistas são agora os alunos. O artigo "Como motivar a exploração artística no pré-escolar?" de João Paulo Queiroz & Maria Suzete Bila explora, no ensino pré-escolar, o confronto com técnicas expressivas e artísticas ao mesmo tempo que potencializa ganhos de desenvolvimento adequados à faixa etária. José Pedro Trindade & Sara Bahia (Portugal), no texto "For.Mar: um projecto de desenvolvimento do raciocínio espacial através da cooperação" apresentam uma intervenção intensiva de 30 horas pesquisando os efeitos na criatividade junto de dois grupos de alunos do terceiro ciclo, um de intervenção e outro de controlo. O artigo "Unindo e articulando questões sociais e cultura local nas aulas de Arte do Ensino Médio" de Aline Liberato (Brasil) explora os recursos culturais endógenos de Santa Branca, São Paulo, especificamente os "bonecos," a par com pinturas de Portinari e demais usos e costumes. A sala de aula e seus horários resultaram naturalmente expandidos numa apropriação expressiva. Cláudia Matos Pereira (Brasil),

em “Arte-educação: o despertar de olhares para a valorização do patrimônio histórico,” toma uma experiência de valorização e sensibilização patrimonial no contexto da cidade de Juiz de Fora, utilizando recursos pré-existentes e explorando a expressividade em termos cognitivos. Em “A interdisciplinaridade nos processos do ensino e da aprendizagem de arte, matemática e língua portuguesa no Ensino Fundamental,” Sueli Trindade & Ortenila Sopelsa (Brasil) abordam a interdisciplinaridade junto de alunos do 4º ano, explorando tintas e pigmentos, bem como modelos arquitetônicos, conseguindo um relato vívido do ambiente lectivo. Alejandra Maddonni (Argentina) no artigo “La universalización de la educación artística en la enseñanza argentina: Acciones estratégicas en la formación superior de docentes de arte” estabelece uma teia de referências exploradas no seu país, integrando novas tecnologias com recursos expressivos e diferentes planos de intervenção a diferentes níveis. O artigo “Como constroem os professores as suas práticas de educação artística? Reflexões em torno da qualidade no ensino das artes” de Sandra Rosado Fernandes (Portugal) interroga como o desafio mais actual a pertinência da formação de um professor de ensino artístico como artista. Susana Nogueira (Portugal), em “Educação Visual: Que orientações educativas perante o hiato criado pela inconciliabilidade de Programa Disciplinar e Metas Curriculares?” coloca em confronto os dois documentos normativos em vigor, no ensino do 3º ciclo: as metas curriculares (2012) e o programa ainda em vigor (2002), evidenciando a sua incompatibilidade mútua. O artigo “¿Se puede enseñar arte? (Notas de Oteiza a Courbet, mientras Cage escucha)” por Magdalena Jaume (Espanha) parte das propostas do escultor basco Oteiza para reequacionar a tarefa do artista educador, e apresenta um caso prático, sobre património e expressão a propósito das janelas de uma catedral. O texto de Alexandre Guimarães (Brasil), “Ensino da Arte *bricoleur*: matéria-prima, ferramentas e práticas sincréticas no Colégio Pedro II,” recupera a missão do professor como um “bricoleur” recuperando hibridações entre arte e reutilização, procurando o (re)encantamento através de um espaço alternativo ao ensino formal, dentro do espaço da escola. No artigo “O Ensino da Arte num Território Intercultural: experiências originárias do PARFOR,” As autoras Janaina Schvambach & Caroline Leal Bonilha (Brasil) visitam o multiculturalismo de uma intervenção inserida no programa de educação formal PARFOR no contexto da etnia Kaingang, na região de Chapecó, Santa Catarina. Arte encontra o seu caminho mediador (Barbosa, 2009), obrigando ao desassossego das próprias categorias: convoca-se a cultura em toda a riqueza insubstituível numa visão integradora da arte. Jorge dos Reis (Portugal), em “Speechant: Chanting & Speeching: Sistema de notação tipográfica para a

educação de adultos" apresenta uma proposta singular, de educação de adultos utilizando o tipo de letra, introduzindo o grafismo fonético. O artigo "Algunos argumentos metodológicos hacia a los hijos de la Gama: Prospección y construcción poética," de João Wesley de Souza (Brasil), discute os fundamentos enquadramentos para "a construção de uma inclinação poética" e para ampliar a "imaginação material" de cada aluno, devolvendo à arte a expressão de uma força.

Este conjunto de textos poderá ajudar a cartografar práticas que se observam bastante distintas, entre as realidades dos países representados, Portugal, Espanha, Brasil, Argentina. Observa-se também que a prática dos educadores está longe de ser homogênea. É surpreendente determinar as diferenças entre contextos e regiões. Se umas são mais metódicas, e por isso consistentes, outras abrem as portas ao caso, e à descoberta.

Em todas um ponto de encontro: a revista *Matéria-Prima*, que assim assume cada vez mais o seu nome como um desígnio de intervenção.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (1987) *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, Ana Mae (2009) *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Bruner, J.S. (1999) *Para uma teoria*

- da educação*. Lisboa. Relógio d'Água.
- Lewin, K. (1946) "Action research and minority problems." *J Soc. Issues* 2(4): 34-46. [Consult. 2014-06-15] Disponível em <http://www.comp.dit.ie/dgordon/Courses/ILT/ILT0003/ActionResearchandMinorityProblems.pdf>